

## “Esse também é meu Espaço”: Vozes e vivências de Mulheres Vaqueiras no Sertão Cearense

“This is also my Space”: Voices and experiences of Cowgirl Women in the  
backcountry of Cearense

Sonia Maria Barbosa Silva<sup>1</sup>

CEPS- Colégio Estadual Paulo Sarasate  
soniamariab1704@gmail.com – <https://orcid.org/0009-0002-6392-8706>

Gabriel Karão Jaguaribaras (Gabriel Freitas De Sousa)<sup>2</sup>

PPGA-IFCH-UFPA  
gabrielwwefreitas619@gmail.com – <https://orcid.org/0009-0005-3107-9449>

DOI 10.5281/zenodo.14518870

### Resumo

O presente artigo aborda a atuação de mulheres vaqueiras no sertão cearense, desafiando os estereótipos de gênero que historicamente associam a atividade pecuária ao universo masculino. Por meio de uma abordagem etnográfica, são analisadas as narrativas e experiências de mulheres que atuam como vaqueiras, revelando como elas rompem com normas tradicionais e redefinem seu papel na sociedade. A pesquisa investiga as dinâmicas de poder, os desafios e as práticas culturais que envolvem essas mulheres, assim como a construção identitária e a preservação de saberes tradicionais. Para a realização deste estudo, serão realizadas entrevistas semiestruturadas com as interlocutoras que atuam nas vaquejadas, bem como observação participante nos eventos denominados "pega do boi".

**Palavras-chave:** Vaqueiras; Sertão cearense; Papel de gênero.

### Abstract

This article addresses the work of female cowboys in the backlands of Ceará, challenging gender stereotypes that historically associate livestock farming with the male universe. Using an ethnographic approach, the narratives and experiences of women who work as cowboys are analyzed, revealing how they break with traditional norms and redefine their role in society. The research investigates the power dynamics, challenges and cultural practices that involve these women, as well as the construction of identity and the preservation of traditional knowledge. To carry out this study, semi-structured interviews will be conducted with the interlocutors who work in the vaquejadas, as well as participant observation in the events called "cattle catching".

**Keywords:** Cowgirls; Sertão cearense; Gender role.

<sup>1</sup> Licenciada em Filosofia (FAEME), Especialista em ensino de História e Geografia (FE).

<sup>2</sup> Doutorando em Antropologia (UFPA), Mestre em Humanidades (UNILAB), Especialista em Gênero, diversidade e direitos Humanos e Graduado em Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades (UNILAB).

## 1. INTRODUÇÃO

A profissão de vaqueiro ligado à pecuária, durante muito tempo, foi a principal atividade econômica no nordeste brasileiro, fez parte do período colonial e teve como personagem principal os chamados “caboclos”. Existem diversos estudos sobre a construção dessa categoria emblemática, não apenas no cenário das atividades econômicas rurais da região norte e nordeste do país, mas também no mundo das religiões afro-brasileiras como entidades espirituais em meio ao panteão de seres encantados. Em relação à problematização da categoria caboclo, estudos posteriores serão realizados, investigando esse trânsito entre o cenário agrário das regiões norte e nordeste<sup>3</sup> e a sua atuação no mundo das religiões afro-brasileiras e afro-indígenas no Nordeste.

No entanto, abordaremos neste artigo, narrativas e experiências de mulheres que atuam como vaqueiras, revelando como elas rompem com normas tradicionais e redefinem seu papel na sociedade, já que a figura do vaqueiro é tradicionalmente associada ao homem.

Dessa forma, nosso campo de pesquisa se situa na comunidade Ipú Monte Alegre, zona rural do município de Canindé-CE, e conta com as interlocutoras que atuam no ofício de vaqueiras, assim como participam de eventos ligados a essas práticas, popularmente chamadas de “Pega do boi”. Por meio da realização de etnografia, podemos, ao longo do texto, narrar um desses eventos.

A atuação dessas vaqueiras é um exemplo de como as normas sociais podem ser reformuladas, permitindo que mulheres possam reivindicar não apenas seus direitos, mas também sua visibilidade e voz em um contexto que frequentemente as marginaliza e as exclui. Este artigo dispõe-se a investigar as experiências e desafios enfrentados por essas mulheres, abordando questões como, as dinâmicas de poder nas relações familiares e comunitárias, preservação de saberes tradicionais e o impacto das competições de vaquejada na construção de suas identidades.

Ao explorar essas narrativas, busca-se evidenciar como a presença crescente das mulheres vaqueiras não apenas transforma a dinâmica do ofício, mas também serve como um catalisador para uma mudança social mais ampla, promovendo a equidade de gênero e o reconhecimento do valor das contribuições femininas na cultura sertaneja. Assim, esta pesquisa se insere no debate contemporâneo sobre feminismo, cultura e identidade, revelando as múltiplas camadas que compõem a experiência das mulheres no sertão.

## 2. “CHAPÉU DE COURO E LAÇO NA MÃO”: CRIAÇÃO DE CATEGORIAS E REDEFINIÇÃO DOS PAPEIS DE GÊNERO NA VAQUEJADA

A figura do vaqueiro no sertão nordestino possui raízes históricas profundas, estando intrinsecamente relacionada à atividade rural e ao desenvolvimento da economia

---

<sup>3</sup> Em relação à problematização da categoria caboclo, a pesquisadora Carmen Izabel Rodrigues (2006) e o pesquisador Fábio Fonseca de Castro (2013) abordam com maestria nos seus estudos questões como: podemos falar na existência de uma identidade cabocla? Ou seria uma anti-identidade?

agropecuária regional. De acordo com Ribeiro (1998) o vaqueiro se torna um ator social, deves relevante para o processo de colonização dos sertões nordestinos, entre os séculos XVII e XIX, pois, esse ofício se fez a partir da dominação e atuação de agentes que já conheciam o ambiente semiárido (indígenas), assim como a fauna e a flora do sertão nordestino.

Câmara Cascudo (1976) aborda algumas origens do vaqueiro no nordeste brasileiro, e descreve como eles agiam em meio à mata branca e espinhenta do sertão, chamada de Caatinga. Geralmente, os vaqueiros montados em seus cavalos entravam de mata adentro, e quando avistavam o gado, o perseguiram e os derrubavam puxando pela cauda, prática realizada até hoje.

Não podemos negar que o machismo e o patriarcado fazem parte dessa construção sociocultural, sendo estruturais até os dias de hoje. Mulheres não podiam realizar essas atividades, pois, o papel estabelecido para essas pessoas era o cuidado do lar e dos filhos.

Segundo Mireyat Suárez (1992) esses papéis sociais atribuídos às mulheres em sociedades machistas e patriarcais advêm de um pensamento a qual coloca a mulher como categoria natural, logo, ela é obrigada a exercer funções sociais ligada ao seu biológico, como amamentar (cuidar dos filhos), servir os maridos, reproduzir, etc.:

A construção da identidade feminina, baseada nas características biológicas, na celebração da maternidade e no elogio às numerosas atitudes a ela associadas, acaba por definir a mulher enquanto categoria natural que, resistente às forças arbitrárias da cultura, da história e da pessoa, existe sempre única e imutável. (Suárez 1992: 2).

Dessa forma, a construção da identidade feminina é constituída, principalmente, em torno da maternidade, reforçando a ideia de que a mulher é predestinada a exercer esse papel. Esse imaginário está enraizado no nordeste brasileiro, e muitos ofícios são quase que “imutáveis” no sentido de atuação e inversão nos papéis de gênero.

Além das definições de papéis de gênero, impostas pela colonialidade do poder, Quijano (2005), somasse o machismo e o patriarcado nas relações de dominação e controle, principalmente dos corpos femininos. Assim como os domínios dos territórios no período colonial, o corpo feminino também era visto como o primeiro “território” a ser conquistado e dominado, como afirma Luciana Ballestrin (2017):

O corpo feminino pode ser pensado como o primeiro “território” a ser conquistado e ocupado pelo colonizador (homem, branco, cristão, europeu e heterossexual). Nas mais diversas situações de conflitualidades violentas, a vulnerabilidade do corpo feminino é acentuada: desde as conquistas coloniais, às guerras civis e interestatais, às ocupações e intervenções militares. (Ballestrin 2017: 1038).

Contudo, mediante as mudanças e transformações sociais e econômicas, entre os séculos XX e XXI, com o advento da segunda onda do movimento feminista no mundo entre os anos de 1960 a 1980, muitas mulheres começaram a desafiar essas normas estabelecidas, principalmente, com a atuação de mulheres em diversos setores, a qual era ofício masculino, a vaquejada é uma delas, para abordar sobre essa afirmação, discutiremos ao longo do texto a história da Dina Maria Martins Lima, conhecida como Dina Vaqueira, uma das primeiras mulheres vaqueiras a romper com esse imaginário da vaquejada apenas para homens.

O cotidiano das mulheres vaqueiras envolve múltiplas ações do dia a dia, muitas delas são agricultoras, administram seus lares, são estudantes, vendedoras, etc. Elas enfrentam uma rotina repleta de desafios, essas múltiplas ações evidenciam a resiliência e a adaptabilidade dessas mulheres, que são muitas vezes as principais responsáveis pela sobrevivência econômica de suas famílias. De modo geral, a cultura sertaneja, rica em tradições, também se reflete nas práticas e saberes que elas transmitem, como o conhecimento sobre pastagens, manejo sustentável, remédios naturais e a realização de rituais relacionados à vaquejada.

A atuação das mulheres vaqueiras não se limita ao campo; elas também têm se destacado em competições de vaquejada, as chamadas “Pega do Boi”, que, além de promoverem um ambiente de socialização, servem como um espaço de afirmação e visibilidade.

Essas competições possibilitam que as mulheres se destaquem em um ambiente tradicionalmente masculino, quebrando barreiras e conquistando respeito dentro e fora de suas comunidades. Além disso, muitas têm se organizado em coletivos, fortalecendo suas vozes e lutando por direitos e equidade de gênero.

Portanto, as mulheres vaqueiras estão não apenas redefinindo e transformando o seu papel no sertão, mas também contribuindo para uma transformação social mais ampla, que desafia normas de gênero e promove a valorização da mulher no espaço rural. A experiência delas ilustra como a resistência e a inovação podem coexistir, criando novas narrativas que enriquecem a cultura sertaneja e abrem caminhos para as futuras gerações.

### 3. O COTIDIANO DAS MULHERES VAQUEIRAS

O que me despertou a abordar sobre as mulheres vaqueiras da comunidade Ipú Monte Alegre, partiu da experiência enquanto docente de sociologia, Geografia e filosofia do Colégio Estadual Paulo Sarasate, com sede em Canindé-CE. Além de lecionar na cidade, atuo na extensão escolar localizada na zona rural. A experiência na sala de aula nos permite adentrar em um universo de realidades vividas pelos discentes, muitos deles, trabalham com os pais na roça, ou possuem algum tipo de ofício nos entornos da comunidade, situação essa que se distanciam das vivências urbanas de muitos estudantes.

Dentre as diversas atividades que dinamizam as comunidades rurais, está presente a vaquejada, sendo a principal, a mais aguardada. A vaquejada movimentada não só a comunidade que irá sediar o evento, mas as comunidades adjacentes, muitas vezes, levando o público da cidade até os interiores para prestigiar o momento.

Félix e Alencar (2011) nos conta como, hoje considerado um esporte, a vaquejada ocorre. A partida inicial é composta por dupla, o primeiro é chamado de “esteireiro” e o segundo o “puxador”, ambos montados em seus cavalos e o objetivo é derrubar o boi em uma área demarcada por duas faixas de dez metros de largura, sinalizadas pela cor branca feita de cal ou pó de giz.

A outra modalidade ocorre fora dos clubes, em mata aberta, popularmente chamada de “Pega do boi”, o objetivo dessa performance é capturar o boi solto na mata nativa, chamada da caatinga, simulando a gênese da modalidade. Temos que entender que o ofício dos vaqueiros é ir em busca do gado solto/perdido na mata, dessa forma, a “Pega do boi” simula essa atividade, premiando em dinheiro o primeiro que capturar o animal. O boi é solto na mata, e logo em seguida é dada a largada, o ambiente logo é preenchido por poeira levantada pelos cavalos que correm em direção a mata. Os vaqueiros são protegidos por suas armaduras de couro, assim como os seus cavalos também.

Se ouve o estralar da mata quebrando, e logo é tomado por gritos da plateia que esperam o primeiro vaqueiro aparecer com o boi. Enquanto isso não ocorre, há entretenimento, música ao vivo e em alguns lugares as fazendas promovem jogos temáticos.



**Imagem 1** – Imagem de divulgação da Pega do Boi, na fazenda Salgadinho, distrito de Ipú Monte Alegre. Foto: Fazenda Salgadinho (2024).

Para todos verem: Cartaz promovendo a Pega de Boi, contendo a localização do evento: Fazenda Salgadinho, a premiação em dinheiro e troféu do 1º ao 7º lugar, data do evento e as atrações musicais.

Muitos dos estudantes participam desses eventos, e acabam levando para o ambiente da sala de aula, as experiências, narrativas, e relatos do que presenciaram ou do que fizeram enquanto vaqueiros participantes do evento. No entanto, percebo que esse não é um assunto tratado apenas pelos estudantes homens, as mulheres também participam e relatam sobre suas experiências no evento. Muitos dos estudantes ao ouvirem as meninas relatando sobre a sua experiência disparam ofensivas e discursos repletos de machismo e preconceito, e nesse momento, temos que intervir e educar, pois, como já citado anteriormente, o machismo e o patriarcado estão enraizados na formação social brasileira e na construção familiar, e muitas vezes, esses discursos são repassados no seio familiar sendo transmitido na escola.

Sobre isso, a socióloga Berenice Bento (2011) nos conta que a escola, além de um espaço de socialização e aprendizagem, também é um espaço de propagação de preconceitos e discriminações, muitas vezes, é onde os estudantes têm o primeiro contato com o racismo, o machismo, a homofobia, etc.

Essas falas nos revelam os limites da escola em lidar com as diferenças. Para se compreenderem os motivos que fazem da escola um espaço destinado, fundamentalmente, a reproduzir os valores hegemônicos, é necessário sair desse espaço, ampliar nosso olhar para a própria forma como a sociedade produz as verdades sobre o que deve ser reproduzido, quais os comportamentos de gênero sancionados e por que outros são silenciados e invisibilizados, qual a sexualidade construída como “normal” e como gênero e sexualidade se articulam na reprodução social. Essas questões não podem ser respondidas exclusivamente nos limites da escola. Há um projeto social, uma engenharia de produção de corpos normais, que extrapola os muros da escola, mas que encontrará nesse espaço um terreno fértil de disseminação. (Bento 2011: 555-556).

O processo de desconstrução e desnaturalização das categorias nas escolas, é deveras desafiador e necessário, parafraseando Carlos Rodrigues Brandão (2002) muitas vezes, devemos deseducar para poder educar. O debate envolvendo gênero na sala de aula, principalmente, após as eleições presidenciais em 2018, culminou na propagação de *fake news* da chamada ideologia de gênero, reproduzidos pelo ex-presidente e seus aliados, e que estudantes contaminados por essas ideias ineptas disseminam em sala de aula, as autoras Mónica Franch e Silvana Nascimento (2020) ao abordarem sobre os estudos de gênero nas últimas décadas, destacam:

Em compensação à pouca presença do trabalho como tema (que talvez possa ser creditada à especialização disciplinar, sendo o trabalho uma área muito mais apropriada pela sociologia), artigos sobre educação fizeram-se visíveis, marcando um diferencial com relação aos períodos anteriores. A temática da educação tem sido central no debate público, nomeadamente depois dos ataques contra a chamada ideologia de gênero nas escolas, que galvanizaram as eleições presidenciais em 2018. O avanço conservador no campo educacional não passou

despercebido nos artigos, mas também houve forte investimento na descrição e na análise dos resultados de mais de uma década de políticas voltadas à capacitação dos professores da rede básica de ensino em questões de gênero e sexualidade, nos governos Lula e Dilma. (Franch & Nascimento 2020: 16).

Ouvir os relatos das estudantes nos proporciona uma oportunidade única de aprendizado. As histórias que compartilham sobre suas rotinas diárias, os cuidados com o gado e outros animais, sobre a avó que ensina sobre alguma raiz, casca de árvore ou folha para fazer um medicamento natural e a vida cotidiana no campo oferecem um contraponto às narrativas urbanas, frequentemente focadas em um ritmo acelerado e na busca por carreiras convencionais. Para essas estudantes, a vaquejada é mais do que uma ocupação; é uma herança cultural e uma expressão de identidade, reafirmação e visibilidade.



**Imagem 2**– Vaqueira Yasmim Ferreira, estudante. Foto: arquivo pessoal da Yasmim (2024). Para todos verem: Yasmim Ferreira montada em seu cavalo, vestida com uma blusa preta e utilizando um capacete, provavelmente soltando um boi do curral para a prática da vaquejada. Ao seu lado, um homem também montado em seu cavalo, vestido com uma blusa marrom.



**Imagem 3**– Vaqueira Yasmim Ferreira em um clube de vaquejada. Foto: arquivo pessoal da Yasmim (2024).

Para todos verem: Yasmim cavalgando na pista de vaquejada, ao seu lado um homem também cavalgando.

Uma de nossas interlocutoras e também estudante do ensino médio, Yasmim Ferreira<sup>4</sup>, compartilha o que enfrentou, e ainda enfrenta, em relação aos muitos desafios ao começar na vaquejada, principalmente a resistência de sua própria família. Seus pais temiam pela segurança dela e pela dificuldade de se inserir em um espaço tão marcado pela presença masculina. Para Yasmim, o preconceito e a desconfiança inicial não eram apenas do lado de fora, daqueles que participavam da vaquejada, mas também vinham das pessoas mais próximas, o que tornou o início de sua trajetória ainda mais difícil.

No entanto, o amor que a mesma possuía pelo esporte e a vontade de mostrar que também tinha talento e competência a impulsionaram a seguir em frente, superando os obstáculos impostos pelo machismo. Com o tempo, Yasmim começou a perceber uma mudança na forma como era vista e tratada em alguns clubes de vaquejada. Sua dedicação e habilidade no esporte começaram a chamar a atenção, principalmente após algumas vitórias, e ela passou a ser mais respeitada e valorizada, no entanto, a mesma tem consciência, que se por acaso tivesse perdido a competição, as hostilidades e discursos repletos de ódio e machismo iriam ser constantemente disparados.

<sup>4</sup> Entrevista realizada no dia 25/09/2024, na ocasião foi realizada uma entrevista semiestruturada contendo 10 perguntas, outras questões foram sendo abordadas e inseridas na conversa com a interlocutora. A mesma autorizou a utilização do seu nome verdadeiro neste artigo.

Embora o caminho ainda seja longo, Yasmim acredita que sua presença e desempenho estão abrindo portas para outras mulheres que desejam participar da vaquejada. Ela se orgulha das pequenas vitórias conquistadas, tanto no esporte quanto na aceitação dos outros, e espera que essas mudanças continuem acontecendo.

Assim como é o caso da Vaqueira Anyslai Paulino de 19 anos, a qual, atua nas Pega de Boi na comunidade Sussuarana localizada no distrito Ipu Monte Alegre. Anyslai nos conta que recebe incentivos de sua Mãe, mas que não é fácil a convivência nesse meio, por haver preconceito e discriminação contra mulheres que atuam na vaquejada.

Desde os 11 anos, Anyslai Paulino vem aprendendo e participando das Pega de Boi na sua comunidade. Além dos ensinamentos da prática da vaquejada, ela nos conta que aprendeu a cuidar dos animais, principalmente, dos cavalos e do gado. Anyslai relata que alguns homens de sua comunidade, que também participam da Pega do Boi, não acreditam no seu desempenho, por acharem que ela é frágil ou mesmo não tem capacidade. Mas, assim como Yasmim, Anyslai segue firme participando das vaquejadas e ganhando cada vez mais destaque.

#### 4. RELATOS E EXPERIÊNCIAS: MEMÓRIAS DA MESTRA DINA VAQUEIRA



**Imagem 4** – Mestra Dina Vaqueira. Foto: Mapa Cultural do Ceará (2017).

Para todos verem: Mestra Dina Vaqueira sorrindo vestida com um gibão de couro na cor marrom, ao seu lado algumas plantas conhecidas como Espadas de São Jorge.

Realizamos uma entrevista com a Mestra da cultura Dina Vaqueira<sup>5</sup>, que compartilhou sua rica e inspiradora trajetória no universo da vaquejada. A vaqueira nos

<sup>5</sup> Entrevista realizada em 27/09/2024, na ocasião, Dina vaqueira nos recebeu em sua casa, no bairro Alto Guaramiranga, e conversamos sobre sua trajetória na vaquejada. A descrição de sua trajetória no mapa cultural do Ceará: Mestra Dina, é vaqueira e aboiadora. Fundou ainda nos anos 80, a Associação dos Vaqueiros, Aboiadores e Pequenos Criadores dos Sertões de Canindé, com mais de 260 vaqueiros. Presidiu a associação em 06 mandatos. Em 2005 foi reconhecida como Mestra da Cultura do Estado do Ceará, em 2007 considerada a segunda mulher mais influente na cultura popular brasileira. Em 2020 foi

recebeu em sua casa e nos relatou suas experiências, os preconceitos que enfrentou, assim como as barreiras que rompeu ao longo de sua vida.

Dina Vaqueira nasceu em 21 de agosto de 1954 na fazenda Cancão, distrito de Ipu Monte Alegre, município de Canindé, e desde criança, demonstrou sua paixão pela vaquejada, uma tradição que faz parte de sua identidade e cultura, e sempre esteve presente no seu cotidiano. As atividades rotineiras eram voltadas para o cuidado dos animais, auxiliando seus irmãos e seu pai nos trabalhos do campo.

*Eu só quero bem a gado porque gado me quer bem,  
Quando eu chamo o gado urra, quando eu grito o gado vem,  
Eu não troco o amor de gado pelo amor de ninguém,  
Ôhóhoooo.*

**Fonte:** Trecho de um verso entoado por Dina Vaqueira (2024).

Ela compartilhou momentos significativos de sua infância, onde nos narrou existir uma conexão com o campo e os animais, incentivada muitas vezes pelo pai, o qual de início era contra a atuação de Dina nas vaquejadas, essas ações foram fundamentais para moldar seu caráter.

No começo meu pai não queria, ninguém da minha família queria, nem pai, nem minha mãe nem meus irmãos, mas eu enfrentava mesmo. Eu amanhecia o dia primeiro que meus irmãos, eu ajudava o meu pai na vida diária, eu levantava todo dia 4 horas da manhã, ia fazer o fogo, quebrava a lenha, fazia o café para poder começar a trabalhar, cuidava das vacas, tirava o leite para minha mãe fazer o queijo [...] eu fazia o meu serviço e acordava primeiro que meus irmãos homens. (Mestra Dina Vaqueira 2024).

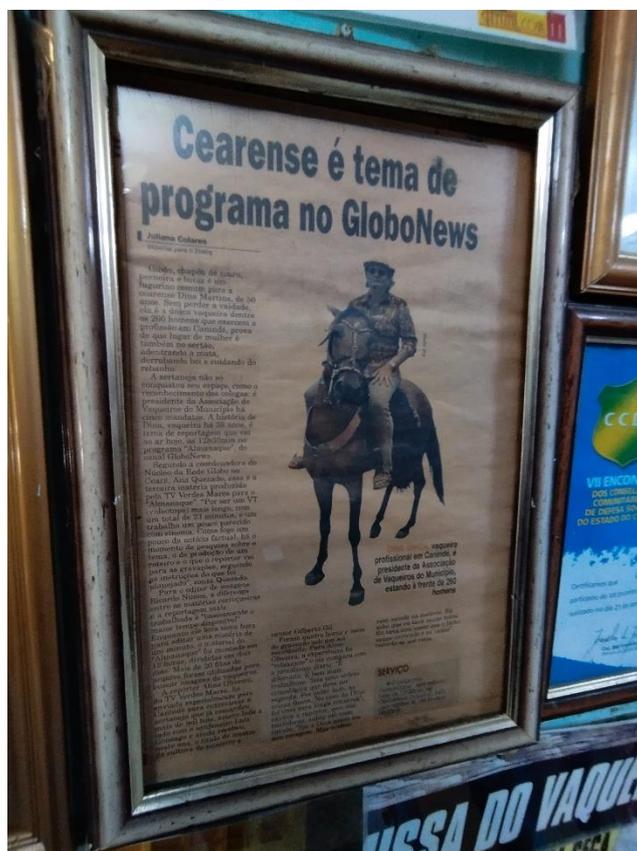
Entretanto, essa trajetória não foi isenta de desafios. Dina Vaqueira falou abertamente sobre o preconceito que enfrentou por ser mulher nesse ambiente predominantemente masculino, ressaltando a resistência e a força que a impulsionaram a continuar. Ela enfatizou a importância de lutar por espaço e reconhecimento, narrando eventos que participou aboiando e entoando versos sobre o empoderamento feminino nas vaquejadas.

Ao romper barreiras, Dina não só abriu caminhos para si mesma, mas também para futuras gerações de vaqueiras. Em uma de suas falas na entrevista, ela diz a seguinte frase, “Encontrei muitas dificuldades no mundo da vaquejada, homem querendo mandar, subir

---

homenageada com o Troféu Sereia de Ouro da TV Verdes Mares. Novamente volta a presidir a associação que ajudou a fundar. Atualmente seu grande sonho é construir a nova sede da associação dos vaqueiros, espaço que será também um memorial da cultura dos vaqueiros. disponível no Site: <https://mapacultural.secult.ce.gov.br/agente/11232/>.

a voz comigo, estão muito enganados, esse espaço também é meu”, o que nos fez usar esse trecho para compor o título desse artigo, pois, cada vez mais, as mulheres vaqueiras vêm ganhando destaque nos eventos em diversas comunidades no Ceará, e reivindicando seu espaço na modalidade.



**Imagem 5** – Manchete de jornal sobre a Mestra Dina Vaqueira. Foto: Acervo pessoal (2024).

Para todos verem: Manchete de jornal antiga, a qual tem como tema Cearense é tema de programa no Globo News. Na manchete consta uma foto da Dina Vaqueira montada em seu cavalo.

Dina nos mostra, com muito orgulho, seu pequeno museu localizado em sua residência, mas que possui sua grandiosidade em cada troféu, em cada imagem, em cada objeto que remete seus tempos de luta em meio a um cenário de machismo e violência. Em entrevista, Mestra Dina nos conta que ao longo de sua carreira sofreu vários percalços e violências, como pressões psicológicas e até mesmo física, como por exemplo, ela relembra um episódio que ocorreu em uma vaquejada, onde um homem jogou cachaça em seu rosto, apenas por ela estar naquele espaço e realizando o seu ofício. E ela destaca, que isso foi apenas um episódio dentre vários que ocorreram.



**Imagem 6** –Uma parte dos prêmios da Mestra Dina Vaqueira. Foto: Acervo pessoal (2024).  
Para todos verem: Na imagem consta os troféus que a Mestra Dina Vaqueira ganhou ao longo dos anos, ao fundo uma imagem na parede da própria Mestra Dina vestida com seu gibão de couro.

A conversa com a mestra Dina Vaqueira foi não apenas um relato de sua experiência, mas um poderoso testemunho da força feminina e da luta por equidade em um campo ainda repleto de preconceitos. Sua história serve como inspiração e um convite à reflexão sobre a importância da diversidade e do respeito nas tradições culturais.

Mestra Dina nos revela que no final dos anos 70 e início de 80, havia muita repercussão sobre suas atuações em vaquejadas, e ela nos conta que isso chamou atenção até de Luiz Gonzaga. Então, no dia 1 de outubro de 1976 na famosa Missa do Vaqueiro realizada em Canindé-CE, notou-se a presença dessas duas personalidades históricas, Dina Vaqueira e Luiz Gonzaga, a qual ela lembra com felicidades desse momento, e ainda relatou as tentativas de investidas que Luiz Gonzaga fez ao ver Dina montada em seu cavalo:

Chegamos na praça da gruta, o Luiz Gonzaga estava cantando “Vai boiadeiro, que a noite já vem, guarda o teu gado e vai pra junto do teu bem” aí desci do meu cavalo né, ele me viu e cantou assim “morena tão bonita, me diz onde você mora” eu olhei para o lado e para o outro, e vi que de morena só tinha eu mesmo, aí um dos vaqueiro falou “Dina é contigo, vai lá” cheguei para ele, peguei o microfone e cantei “eu moro bem distante, e meu marido está ali fora”, aí Gonzaga cantou assim “Pois dê lembrança a ele, se retire e vá embora”, aí peguei

o microfone e o meu coração dizia, homem nunca me venceu porque ele vai vencer? Aí cantei assim “eu vou me retirando, mas não é com medo não, é mostrando para o povo a minha boa intenção ôô”, aí ele me abraçou e cantamos juntos algumas canções.



**Imagem 7** – Mestra Dina Vaqueira e Luiz Gonzaga ano de 1976. Foto: Acervo pessoal Dina Vaqueira (2024).

Para todos verem: Mestra Dina cantando ao lado do consagrado cantor Luiz Gonzaga.



**Imagem 8** –Mestra Dina Vaqueira em sua residência. Foto: Acervo pessoal (2024).  
Para todos verem: Mestra Dina, usando um chapéu de couro e vestida com roupas marrom e preto, posando ao lado de seus troféus e de um painel com fotografias.

A conversa com a mestra Dina Vaqueira foi não apenas um relato de sua experiência, mas um poderoso testemunho da força feminina e da luta por equidade em um campo ainda repleto de preconceitos. Sua história serve como inspiração e um convite à reflexão sobre a importância da diversidade e do respeito nas tradições culturais.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, este artigo ressalta como as mulheres vaqueiras do sertão cearense estão desconstruindo as normas e estereótipos de gênero, ligadas às funções e ofícios historicamente atribuídos a homens. Suas narrativas revelam uma ressignificação e subversão de seu papel social, ao mesmo tempo em que fortalecem os saberes tradicionais da cultura da vaquejada.

Ao ocupar um espaço, dito historicamente masculino, essas mulheres não apenas enfrentam desafios culturais e estruturais, como o machismo e o patriarcado, mas também são protagonistas e indicadas para uma transformação nas dinâmicas de poder e na construção de novas identidades no contexto da vaquejada.

Desse modo, suas experiências revelam que, ao mesmo tempo em que buscam equidade de condições dentro do esporte e da prática da vaquejada, elas também estão abrindo caminho para uma nova geração de mulheres, inspirando outras a adentrar no mundo da vaquejada e também desafiar os limites dos impostos pela “tradição”.

Além disso, devemos também entender que ao romper com os padrões de gênero, elas não abandonaram suas raízes culturais, mas as transformaram, contribuindo para a perpetuação de uma identidade sertaneja, de mulheres vaqueiras, que inclui uma presença feminina de forma mais ativa na modalidade.

## REFERÊNCIAS

Ballestrin, Luciana Maria de Aragão. Feminismos Subalternos. *Revista Estudos Feministas*, [S. l.], v. 25, n. 3, p. 1035–1054, 2017. DOI: 10.1590/%x. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/42560>. Acesso em: 27 set. 2024.

Bento, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. *Revista Estudos Feministas*, v. 19, n. 2, p. 549-559, 2011.

Brandão, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2002.

Castro, Fábio Fonseca de. A identidade denegada. Discutindo as representações e a autorrepresentação dos caboclos da Amazônia. *Revista de Antropologia*, São Paulo, Brasil, v. 56, n. 2, p. 431–475, 2013.

Cascudo, L.C. *A vaquejada nordestina e sua origem*. Fundação José Augusto: Natal, 1976.

Felix, F. K. L.; ALENCAR, F. A. G. A. O vaqueiro e a vaquejada: do trabalho nas fazendas de gado ao esporte nas cidades. *Revista Geográfica de América Central*, 2, 1-13 Universidad Nacional Heredia, 2011.

Franch, Mónica; NASCIMENTO, Silvana. *A Produção Antropológica em Gênero e Sexualidades no Brasil na Última Década (2008-2018)*. BIB, n. 92, 2020.

Quijano, Anibal. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

Ribeiro, E. M. Vaqueiros, bois e boiadeiros: trabalho, negócio e cultura na pecuária do nordeste mineiro. *Estudos Sociedade e Agricultura*, v. 6, n.1, p. 135-164, 1998.

Rodrigues, Carmen Izabel. *Caboclos na Amazônia: a identidade na diferença*. *Novos Cadernos NAEA*, [S.l.], v. 9, n. 1, dez. 2008. ISSN 2179-7536. Disponível em:

<<https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/60>>. Acesso em: 18 nov. 2024. doi:<http://dx.doi.org/10.5801/ncn.v9i1.60>.

Suárez, Mireya. Desconstrução das Categorias “Mulher” e “Negro”. Brasília, Série Antropologia, nº 133, 1992.

Data de envio (Recebido) 16 de outubro de 2024  
Aceito em 18 dezembro de 2024